

O SR. PRESIDENTE (ANDRÉ CECILIANO) - Vou garantir a palavra à Deputada Renata Souza. E, quando terminar, eu anuncio de novo quem está inscrito.

A SRA. RENATA SOUZA - Sr. Presidente, vou utilizar o meu direito de resposta, apesar de não costumarmos responder a fantasmas. Fantasmas que todo mundo já conhece de renome. Inclusive, Sr. Presidente, não costumamos trazer diálogos de maneira tão apegada com aqueles que consideramos o fuzil ou a arma como se fosse mais um de seus órgãos na falta de massa encefálica.

Então, Sr. Presidente, é muito importante dizer a todas e a todos onde estavam aqueles Deputados que hoje falam tanto da vida dos policiais na hora de defender junto ao Governo Witzel. Esse, sim, teve como pupilo muitos dos Deputados que aqui estão tentando deslegitimar a minha fala.

É muito importante dizer, Sr. Presidente, também, quando me acusam de pupila do Marcelo Freixo, primeiro, não sou pupila do Marcelo Freixo e de nenhum qualquer homem. Eu sou efetivamente construída na política, na política de defesa intransigente da vida.

Outra coisa: não tenho problema nenhum em ser colocada como uma pessoa que participa da vida política de Marcelo Freixo, porque foi esse, Sr. Presidente, que fez a CPI das Milícias, que lutou contra aqueles, e luta ainda hoje contra Bolsonaro e a sua família, que coloca milicianos dentro do seu gabinete, que tem aí, Sr. Presidente, milicianos chefiando inclusive o seu próprio gabinete.

Então, ser pupila do Marcelo Freixo, na verdade - e não sou - sou uma colaboradora política, é de fato uma grande honra, diferentemente de muitos que foram e são pupilos do Cabral, do Pezão, do Witzel e, mais do que nunca, do Bolsonaro e do Flávio Bolsonaro, ainda nesta Casa.

Sr. Presidente, temos que responder a fantasmas violentos, fantasmas que quebraram a placa da Marielle e emolduraram para gozar, Sr. Presidente, da cara de uma mulher preta, assassinada por essas mesmas milícias.

Sem dúvida alguma, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, tenho a minha cabeça erguida e tenho também a minha voz erguida. Portanto, qualquer debate que façamos devemos fazer com a coerência de quem luta pela vida e não daqueles que apostam na morte, até mesmo dos policiais, para que possam ter palanque no enterro dos policiais.

O SR. PRESIDENTE (ANDRÉ CECILIANO) - Conclua, por favor, Deputada.

A SRA. RENATA SOUZA - Não rebaixarei o debate nesta Casa, pela qual tenho muito respeito, diferentemente de outros Deputados e Deputadas desta Casa, pupilos de Bolsonaro, que querem acabar com a existência dos Parlamentos, que querem acabar com a democracia, que querem acabar com o Supremo Tribunal Federal, para implantar o seu fascismo...

O SR. PRESIDENTE (ANDRÉ CECILIANO) - Conclua, por favor, Deputada.

A SRA. RENATA SOUZA - ...o seu neofascismo e acabar com tudo aquilo por que lutamos - mulheres, negros, negras, jovens - para que a sociedade seja, de fato, de todas e de todos.

Fica aqui não só o meu direito de resposta, mas a minha intenção de construir a possibilidade de o Parlamento ter a voz de uma mulher preta, como eu, falando, e esses fantasmas baixando a cabeça.

Muito obrigada, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (ANDRÉ CECILIANO) - A Presidência quer fazer um anúncio importante. Hoje usamos todo o tempo regimental para fazer a 1ª Sessão Extraordinária. Quando isso ocorre, pelo Regimento, não há possibilidade de termos Expediente Final. Estou sendo avisado porque esta semana já aconteceu a mesma coisa. Vamos ouvir o Deputado Luiz Paulo e vou encerrar, porque ele é o primeiro inscrito. Vamos acalmar os ânimos.

Deputado Luiz.

O SR. ALEXANDRE KNOPLOCH - Presidente, pedi pela ordem, e V.Exa. falou que seria no final.

A SRA. ENFERMEIRA REJANE - Não entendi a justificativa, Sr. Presidente. São 17horas.

O SR. LUIZ PAULO - Sr. Presidente, perguntei a V.Exa. se iria ter Expediente Final, porque eu tive esta dúvida regimental. V.Exa. disse que eram 17h05 e ainda poderia ter. V.Exa. tem toda autoridade, como Presidente, de quebrar o Regimento. Mas eu também sou regimentalista. A sua decisão, por mim, será acatada.

O SR. PRESIDENTE (ANDRÉ CECILIANO) - Então, cada Parlamentar terá três minutos, como se fosse concedida a palavra. Estão inscritos os Deputados Luiz Paulo, Waldeck Carneiro, Eliomar Coelho, Rodrigo Amorim, Mônica Francisco, Alexandre Knoploche Enfermeira Rejane.

O SR. FLÁVIO SERAFINI - Sr. Presidente, requiro minha inscrição.

O SR. PRESIDENTE (ANDRÉ CECILIANO) - Já está inscrito. Deputado Renan, vou passar a Presidência para V.Exa. Três minutos para cada Parlamentar. Vou mandar a fotografia.

Passo a palavra ao Deputado Luiz Paulo.

O SR. LUIZ PAULO - Sr. Presidente, um tema recorrente e que hoje aqui esteve presente com grande intensidade é aquele que os intelectuais, os filósofos dos tempos modernos denominam necropolítica, isto é, política da morte. E o que vimos aqui hoje, exatamente, foi esse debate.

Infelizmente, Sr. Presidente, os governos instalados no nosso País, com as exceções de praxe, adotam políticas que podem ser intituladas de necropolíticas. E por que, Sr. Presidente? O confronto entre as forças policiais e, em tese, os narcotraficantes e milicianos - muito mais os narcotraficantes e muito menos os milicianos - levam à morte de ambos os lados e muitas e muitas vezes daqueles que são objeto do próprio confronto. E quem é que morre do lado da Polícia são os mais pobres, os de menor patente e aqueles que derivam das comunidades. De outro lado, quem é que morre do lado dos narcotraficantes e dos milicianos? Em geral também os mais pobres, aqueles que vêm das classes menos favorecidas e que se desviam para o caminho do crime. E quem é que morre que não é narcotraficante, não é policial, não é miliciano? É a população civil mais pobre e negra. Esta é a verdade. Essa é a política da morte, que hoje se associa fortemente à corrupção que mata, à corrupção que é crime hediondo, à corrupção na área da Saúde, que como disse bem o ex-Secretário é um mar de lama, a lama que mata. Se contarmos da metade do mês de março até a metade de junho, nós já estamos no dia 25, já são mais de nove mil mortes, mais de cem mortes por dia. E vamos contabilizar nesses cem mortos por dia quais são as faces dos que mais morrem também, Sr. Presidente? Serão certamente os mais pobres, os menos favorecidos, os moradores de periferia. Então, é isso que é necropolítica, um Estado que se respalda na morte, na morte daqueles que não têm condições na maioria das vezes de sobreviver. Então, este Estado é o Estado que tem que ser renegado. Este Estado...

O SR. PRESIDENTE (ANDRÉ CECILIANO) - Peço para concluir, por favor, Deputado Luiz.

O SR. LUIZ PAULO - Concluindo, Sr. Presidente. Devíamos estar todos contra e não divididos, um defendendo um pedaço de um, o outro o pedaço do outro. Este Estado nega a vida, é o Estado que idolatra a morte. E eu quero deixar aqui que enquanto eu tiver mandato eu estarei na defesa de um Estado de paz, de um Estado de vida e não de um Estado de morte.

Muito obrigada, Sr. Presidente.

O SR. PRESIDENTE (ANDRÉ CECILIANO) - Deputado Renan, passo a Presidência.

Bom final de semana a todas e a todos.

(ASSUME A PRESIDÊNCIA O SENHOR DEPUTADO RENAN FERREIRINHA, A CONVITE)

O SR. PRESIDENTE (Renan Ferreirinha) - Quero pedir a ajuda de todos para que possamos respeitar os três minutos. Eu tenho a seguinte ordem que o Presidente mandou: Deputado Luiz Paulo, Deputado Waldeck Carneiro, Deputado Eliomar Coelho, Deputado Rodrigo Amorim, Deputada Mônica Francisco, Deputado Alexandre Knoploch, Deputada Enfermeira Rejane, Deputado Flávio Serafini.

Também quero aproveitar para parabenizar o meu amigo Deputado Carlos Minc pela aprovação do Projeto e a importância dele. Parabéns, Deputado Minc.

O SR. CARLOS MINC - Obrigado, Deputado Ferreirinha querido, ecossocialista.

O SR. PRESIDENTE (Renan Ferreirinha) - Passo a palavra para o Deputado Luiz Paulo. Três minutos, por favor.

O SR. WALDECK CARNEIRO - O Deputado Luiz Paulo acabou de falar, Deputado Ferreirinha.

O SR. PRESIDENTE (Renan Ferreirinha) - Desculpe-me, Deputado Waldeck Carneiro. Está certo.

Passo a palavra para o Deputado Waldeck Carneiro, garantindo os seus três minutos de fala.

O SR. WALDECK CARNEIRO - Obrigado, Presidente, Deputado Renan Ferreirinha. Parabéns por mais uma bela Sessão, ontem à noite, da Comissão de Economia, Indústria e Comércio. Mais uma rodada que nós temos feito na Comissão de Economia, Indústria e Comércio, dialogando sobre a situação de vários setores da economia fluminense.

Havia preparado uma discussão sobre a questão da votação ontem no Senado Federal sobre o marco do saneamento, mas vou deixar para um outro momento, porque eu quero manter o debate que está na pauta. E quero aproveitar, inclusive, o que disse o Deputado Luiz Paulo quando fez referência à chamada necropolítica.

Já havia sido mencionada essa ideia, essa categoria, por um pensador francês chamado Michel Foucault, mas mais recentemente é um pensador camaronês, africano, chamado Achille Mbembe, que vem desenvolvendo com mais profundidade esse conceito.

E, além do que o Deputado Luiz Paulo disse - aliás, eu e o Deputado Luiz Paulo fazemos parte do mesmo grupo de leitura e já fizemos discussões sobre este tema no grupo de leitura - a necropolítica é sobretudo um estado ou diligentes que entendem que têm o poder de decidir quem morre e quem vive. É como se o governante, como se o Poder Público, como se a autoridade estatal pudesse decidir, com critérios que ela mesma define, quem deve morrer e quem deve viver.

E é um pouco isso o que nós vivemos no Rio de Janeiro. O debate não pode ficar na superficialidade. Ninguém aqui quer desqualificar a priori as forças de Segurança. Elas são fundamentais para uma sociedade de paz, para uma sociedade em que as pessoas tenham direitos respeitados por todas e todos. É óbvio.

Agora, a partir daí, não podemos achar como normal, não pode naturalizar, não pode banalizar que uma força policial - qualquer que seja - produza tantas mortes como vem acontecendo há décadas no Estado do Rio de Janeiro e a despeito até da qualificação instalada nessa mesma Polícia. Com quadros do maior valor, com quadros com formação, com quadros que desenvolveram competência técnica em várias áreas correlatas ao campo da Segurança Pública.

É inaceitável que essa lógica, que essa cultura e que esses números não nos espantem a todos, Deputada Mônica Francisco, porque a morte vem presidindo essas ações. É uma inversão completa. É quase que ter a morte como um valor. E não se pode questionar.

O Projeto de autoria do Deputado Carlos Minc eu saúdo não só o Projeto em si mesmo, mas a tenacidade desse meu querido companheiro, ao longo desses anos, para aprovar a matéria, mas nós sabemos também, e o próprio Deputado Carlos Minc reconheceu, que, em função dos acordos, das tratativas - os acordos, neste caso, não são acordos espúrios, são acordos parlamentares - o texto aprovado, sem mérito algum - é um texto até brando. É um texto que fixa simplesmente procedimentos para que possamos começar a elucidar esses homicídios, essas mortes, que nunca são elucidados.

E nós sabemos quem está caindo por terra. Isso não é aleatório. Não é coincidência. Eu quero aqui insistir: a série histórica com a qual nós trabalhamos na CPI dos Autos de Resistência na legislação passada, eu participei da primeira à última reunião. Eu fui a todas. E fiz também todos os trabalhos de campo, quando nós estivemos no Instituto Médico Legal, no Instituto de Criminalística Carlos Éboli. Estive em todos os lugares.

A série histórica com a qual nós trabalhamos...

O SR. PRESIDENTE (Renan Ferreirinha) - Peço para concluir, Deputado Waldeck Carneiro.

O SR. WALDECK CARNEIRO - ...não nos deixa supor que haja coincidência. Os homicídios que mais ficam sem elucidação, no âmbito da Polícia Civil, são os homicídios decorrentes de intervenção policial, e as vítimas desses homicídios, mais de 90%, figuram na faixa etária de 15 a 29 anos, são negros, são pobres, com baixa escolaridade.

Então, não é um fenômeno aleatório. O que tem acontecido é - queiramos ou não dizer a palavra - um verdadeiro genocídio moderno. É isso o que está em curso. Não podemos aceitar que as nossas polícias, inclusive com qualificação nelas instaladas, cumpram este tipo de papel. Polícia não é milícia estatal, polícia não é máquina de matar. Essa concepção tem que ser completamente enfrentada e essas mortes não podem ser banalizadas, pelo direito à vida, pelos direitos humanos, pelo respeito à possibilidade de construirmos uma cultura de paz no Estado do Rio de Janeiro.

O SR. PRESIDENTE (Renan Ferreirinha) - Obrigado, Deputado Waldeck Carneiro.

Passo agora a palavra para o Deputado Eliomar Coelho, que dispõe de três minutos, por favor.

O SR. ELIOMAR COELHO - Sr. Presidente dos trabalhos desta Sessão, Deputado Renan Ferreirinha, eu tinha solicitado a palavra para fazer uma intervenção sobre a questão da Cedeae, que está em processo de ser privatizada, mas esse debate a respeito do projeto de autoria do Deputado Carlos Minc, a quem louvo e parabenojo pela vitória, gerou reflexões que considero todas importantes, quero deixar bem claro. Eu aprendi ouvindo muito. Aprendo o tempo todo, aprendi ouvindo muito.

Eu me inscrevi porque, no Expediente Final, eu ia ter direito a dez minutos. Como o tempo foi reduzido para três minutos, eu me sinto prejudicado, mas não quero perder a oportunidade, pelo menos, de me sentir orgulhoso pelas companheiras da minha bancada, a companheira Mônica Francisco, a companheira Renata Souza, a companheira Dani Monteiro. As falas delas são íntimas, verdadeiras. Então, realmente, com muita propriedade e fundamentação, deveríamos ouvi-las sempre com o maior respeito. Tenho orgulho delas.

Não vou discorrer sobre a Cedeae porque acho que três minutos não são suficientes para o que eu gostaria de falar. Vou guardar o tema para a próxima semana, mas gostaria de terminar fazendo uma homenagem a essas minhas companheiras negras, mulheres de origem simples, de comunidades faveladas. Acrescento nessa homenagem que vou fazer também a companheira Deputada Enfermeira Rejane.

Fiz - é a minha forma de me expressar - uma poesia elogiando, homenageando as mulheres. Vou só ler uma estrofe, que fala exatamente das minhas companheiras, mulheres negras e de origem de comunidade simples. Falo sobre as flores - falando de mulheres, falo sobre as flores. Para elas eu digo:

"Prefiro as flores negras, a tulipa, rainha da noite, sensualidade, sofisticação deslumbrante. Elas trazem, com muita elegância, o fascínio dos mistérios.

Beleza exótica que resplandece seriedade, nobreza."

Dedico às companheiras negras, mulheres de origem de comunidades faveladas e que dizem muito bem a que vieram, com sua chegada à Assembleia Legislativa e que me representam muito bem.

Meus parabéns e meu beijo fraterno e solidário a todas elas, sem querer desmerecer a importância de outras intervenções.

Para a semana, vou me dedicar a esse tema e à questão da Cedeae.

O SR. PRESIDENTE (Renan Ferreirinha) - Passo a palavra ao Sr. Deputado Rodrigo Amorim.

O SR. RODRIGO AMORIM - Sr. Presidente, Srs. Deputados, eu, obviamente, lamento que toda discussão que envolva a atuação da polícia acabe descambando, por culpa de determinados Deputados, para uma discussão de baixíssimo nível.

Minha intervenção foi absolutamente técnica, porque, com todo o respeito ao Sr. Deputado Carlos Minc, não me parece ser papel do Legislativo, tampouco de projeto de lei, intervir no protocolo de atuação das polícias. Para isso, já há uma legislação de âmbito federal, no que diz respeito à tipificação penal e aos protocolos e à conduta policial.

Por falar em polícia, Sr. Presidente, no Rio de Janeiro muito se falou que muitas pessoas morreram. De fato, para aqueles que não conhecem, nós vivemos numa guerra. Para esse partido que propaga de forma absolutamente hipócrita e antagônica o socialismo e a liberdade ao mesmo tempo, para esse partido que defende aborto, que é contra a vida, que é em favor da droga que dizima famílias e que adora posar ao lado de criminosos, bandidos, facinoras, para esse partido, Sr. Presidente, esse mesmo que defende as piores ditaduras na América Latina e no mundo, eu tenho a dizer que nós enfrentamos uma guerra.

Eu tenho ido, junto com o Sr. Deputado Alexandre Knoploch, àqueles lugares, que esses que aplaudem a periferia mas lá não pisam, aonde ninguém vai. Estamos indo a lugares deste Rio de Janeiro onde as pessoas sofrem de verdade, onde as pessoas não têm transporte público, onde as pessoas vivem numa rua mal iluminada, mal conservada, onde a gente percebe a proliferação de moradores de rua.

No entanto, essa esquerda, que adora vociferar, nada faz. Aliás, é um comportamento antagônico dessa mesma Deputada, que anda com seu narizinho em pé pelos corredores da Assembleia, destrutando os funcionários pobres desta Casa, pois não enfrenta situações como a de hoje, por exemplo, quando um marginal arrastou uma criança, o menino João Hélio, por oito bairros do Rio de Janeiro, transformando o cadáver daquele menino num farrapo de osso e pele. Diante disso, essa Deputada se silencia. Engraçada essa indignação seletiva! Fica silenciada.

Quando o direito das mulheres nas favelas é ultrajado pelos traficantes, esses mesmos traficantes que eles insistem em defender, quando isso acontece, eles se calam. Quando as mulheres têm o cabelo cortado na marra pelos traficantes, quando as mulheres sofrem estupro coletivo por traficantes de droga, eles se calam, Sr. Presidente. É um silêncio ensurdecedor.

Mas é muito bonito atacar a polícia. É muito bonito gritar para bater na Polícia Militar, para bater na Polícia Civil. Mas eu não vejo a mesma reação, o mesmo ímpeto para contestar, por exemplo, essa fotografia, com que me deparou.

Sabe o que é isso, Presidente? É o líder do Partido do Socialismo e Liberdade, aquele que tem frouxo até no nome, que correu da raia para disputar a eleição no Rio de Janeiro, que se deixa fotografar sorridente, abraçadinho e agarradinho, ao lado dos piores criminosos do Estado. Mas, para isso, eles se calam.

Essa mesma Deputada que anda com seu narizinho em pé na Assembleia Legislativa acabou de dizer, em alto e bom tom, aliás, muito alto, porque ela grita muito, que não se deixa ser comandada, ainda que numa posição hierárquica, por um homem, repudiando a fala de outro Deputado que alegou que ela seria discípulo desse Deputado que se deixa fotografar ao lado dos piores facinoras deste Estado. Ora, é vergonha ter alguém acima numa posição hierárquica ou ter alguém que você se espelhe na trajetória política ou profissional e que seja de sexo diferente?

Sr. Presidente, a pessoa de quem mais me orgulho neste mundo é minha mãe, uma mulher que, quando meu pai morreu, aos 17 anos de idade, assumiu a família, criou muito bem criados os dois filhos, tanto eu quanto meu irmão, neurocirurgião, professor universitário, chefe da neurocirurgia de um hospital público, e que eu digo que é a pessoa que sigo como referência, uma mulher. Qual o problema de ter como referência alguém do sexo oposto? É essa pessoa que respeita a diferença entre sexos? É essa pessoa que respeita as diferenças que tanto batalha, mas da boca para fora? O que na verdade querem é dividir o Brasil, querem criar esse abismo entre pretos e brancos, entre pobres e ricos, entre homens e mulheres, entre heteros e homossexuais. Somos todos um só. Vocês não vão com conversinha, com poesia, com musiquinha, com lelelé, com mimimi, e com carinha bonitinha num solzinho com uma flor, travesti a realidade. A realidade é isso aqui. Quando tem vagabundo morrendo, e tomara que morra muito mais, tem policial se salvando, porque neste ano morreram muito menos policiais do que morreram no passado, graças a uma política de enfrentamento e a esses homens e mulheres que são valentes, bravos e que são a nossa última fronteira com o caos. Não vão nos calar com mimimi.

O SR. PRESIDENTE (Renan Ferreirinha) - Obrigado, Deputado Rodrigo Amorim.

Deputado Márcio Gualberto, o tempo está esgotado do Deputado Rodrigo Amorim. Sugiro que um dos próximos Deputados dê o aparte a V.Exa.

Os próximos Deputados são Mônica Francisco, Alexandre Knoploch, Enfermeira Rejane e Flávio Serafini. Deputada Mônica Francisco.

A SRA. MÔNICA FRANCISCO - Obrigada, Sr. Presidente.

Faço uso da fala para desatour um pouco do tema. Acho que já me coloquei na oportunidade que tive ao final da Sessão. Faço uso desses minutos para lembrar que domingo, já que estamos falando de direitos humanos, de direito à vida, dia 28 é dia de comemoração, talvez o Deputado Carlos Minc também fale um pouco, lembrando os 51 anos do que ficou conhecida como a Batalha de Stonewall, em defesa da vida. Lembrando que o Brasil é o País que mais mata também a população LGBTQI+. Por exemplo, a expectativa de vida de uma trans, travesti, é de 35 anos - 35 anos é a expectativa de vida da população trans, travesti, hoje no Brasil.

Algumas vitórias tivemos ao longo desses anos de luta e de batalha. Não é preciso ser parte da população LGBTQI+ para nos solidarizarmos e termos empatia com todas essas pessoas que devem ser tratadas como pessoas que são. Exemplo disso é que no dia 8 de maio o Supremo derrubou a proibição da doação de sangue por parte de homens gays, mulheres trans, homens trans, um processo que correu no Supremo Tribunal Federal por três anos e foi arquivado a primeira vez por diferença de um voto. Essa é a nossa sociedade, que tem, sim, profundos abismos, que é extremamente desigual, que produz um discurso de ódio que mata a cada 23 horas uma pessoa que é parte da população LGBTQI+. Sem falar nos estupros coletivos das mulheres lésbicas, sem falar na extrema violência e brutalidade das mortes, seja por mutilação, são mortas a pauladas, são vídeos gravados no momento das mortes dessas pessoas. Há um processo de extrema brutalização e precarização da vida dessas pessoas, das populações violadas, que têm mais dificuldades de acesso ao trabalho, à saúde. São números que não nos orgulham.